

SOLIDARIEDADE E PAZ*

*Dom Reinaldo Ernste E. Herber Punder***

INTRODUÇÃO

O tema desta aula me foi sugerido por causa da CF (ecumênica) deste ano. Deveria dar indicações de como o IESMA pode contribuir à realização dos propósitos desta CF. O seu tema é SOLIDARIEDADE E PAZ, o slogan: “Felicite os que promovem a paz”. Como, então, o IESMA pode colaborar com esse objetivo? Como pode promover a paz?

Existem tantos exemplos positivos maravilhosos de solidariedade, por ex. aquelas equipes médicas de verdadeiros irmãos da Europa que vem trabalhar gratuitamente em favor dos nossos mais pobres, a própria Adveniat, agora as ajudas às vítimas do maremoto e tantos outros, mas também tristemente negativos: estruturas exploradoras a partir do mais forte. Por ex. a experiência de D.Helder com uma usineira – dona de usina de açúcar - perto de Recife: Quando ela quis fazer, por intermédio dele, uma bela obra de caridade, ele teve a ousadia de perguntar, se não era melhor, em consciência cristã, de antes melhorar os salários miseráveis dos seus trabalhadores da cana, e pensar em obras de caridade mais tarde. Ela se sentiu profundamente ofendida... Ou então as estruturas comerciais mundiais dominadas mais pelos interesses dos países

* Texto da aula inaugural proferida durante abertura do ano letivo de 2005 do IEMA.

** Bispo de Coroatá - MA

mais fortes que têm poder de se impor etc.; para nem falar da invasão do Iraque, com os pretextos conhecidos, sem respeitar a ONU e tantas outras coisas tristes.

O mundo precisa de uma nova *cultura* de paz e solidariedade. Portanto *neste* mundo: como contribuir para promover estes valores a partir do IESMA?

Evidentemente, não vou dar essas indicações a políticos, assistentes sociais, professores ou outras categorias da sociedade, mas a vocês, queridos alunos e alunas, professoras e professores e demais colaboradores do IESMA. Por isso podemos entrar no âmago da questão, na raiz como que “metafísica”, transcendental, espiritual da paz. A partir desta raiz o que é esta paz?

Sabemos que a palavra “paz” na Bíblia quer traduzir a palavra hebraica “shalom” que tem um conteúdo riquíssimo e belíssimo (1), tanto que os LXX a traduziram de 25 modos diferentes, embora prevalecesse a palavra grega “eirene”, enriquecida, porém, pelos significados e matizes da expressão hebraica. (Tão diferente do sentido extra-bíblico da palavra eirene, que é capaz de significar o contrário do que pensamos ser “paz”. Por ex. Davi pergunta uma vez (2 Sam 11,7) pelo shalom da guerra, quer dizer se estava indo bem, ao seu favor.

Shalom significa Ser completo, inteiro. Esse sentido fundamental porém, não é apenas estático, mas também dinâmico: ter uma vida feliz, abundante. Por isso shalom significa a prosperidade, o passar bem material e espiritual, tanto do indivíduo como da comunidade, sobretudo do povo de Israel... Significa também as boas relações entre pessoas, famílias e povos, no matrimônio entre marido e mulher, afinal entre o homem e Deus. Portanto, à noção hebraica de shalom não se opõe propriamente à noção da guerra (pois uma guerra bem sucedida é shalom: 2 Sam. 11,7), mas a tudo o que possa perturbar a prosperidade e as boas relações. O shalom, esta paz é um dom de Deus que o povo alcança em virtude da Aliança. Se Israel for fiel à Aliança, então gozará desta “paz”; se quebrar a Aliança,

Deus lhe tirará a paz, mas se se converter, haverá paz novamente....

O NT fica bem na linha das idéias do AT. Dos anjos do presépio que a anunciam (cf. Lc. 2,14), através da missão dos 72 discípulos (Lc. 10,5: "Paz a esta casa!"), até ao Ressuscitado que traz a paz aos apóstolos ainda amedrontados pela morte do Senhor (cf. Jo. 20, 19 s) - a paz é a característica do reino messiânico que Jesus veio anunciar e inaugurar. Ela é portanto também a nossa tarefa: "Bem-aventurados (ou felizes) os que promovem a paz" - "eirenópoioi". Daí a CF deste ano.

Como chegar a fazer isto? A *ser* estes promotores da paz? No IESMA, neste ano letivo? E, pela formação transmitida neste Instituto, como promovê-la na sociedade? Eficazmente, não só em palavras!

A grande vantagem deste Instituto é que reúne em si não só pessoas que estudam assuntos santos e sagrados para se tornarem "escribas", entendidos em escritos, papel e letras, mas que entendem que a Verdade é "*Alguém*" - Alguém que disse "ser", além de "a Verdade", também "o Caminho" e "a Vida" (cf. Jo. 14,6) - e pessoas que se encontram numa "caminhada", num "curso", quer dizer uma "corrida" para conhecê-Lo. (Para mim simbolizada na corrida de Pedro e João naquele primeiro dia da semana, um mais rápido, o outro um pouco mais lento, mas colaborando e um respeitando o outro, e que acabaram entendendo juntos.) Portanto não estão aqui só para adquirir conhecimentos teóricos, mas estão empenhados em "caminhar", aprender, ensaiar, treinar e aperfeiçoar atitudes, comportamentos e modos de agir que correspondam a esta "Verdade", que a façam experimentar, "verificar", avançando no "Caminho" para chegar sempre mais a essa "Vida".

Dentro desta vida se encontra a capacidade de exercer a solidariedade e construir a paz. A paz no sentido rico e pleno da Bíblia. E com ela a felicidade de quem consegue realizá-la. Tornar-se promotor da paz faz parte da caminhada em comunhão com esse Mestre que disse ser "a

Verdade". É lógico, porque o mesmo que é "Caminho, Verdade e Vida", na carta aos Efésios (2,14) é chamado também "**a nossa paz**".

Assim cremos. E isto vale sempre. Mas temos que *nos enraizar ainda mais no momento histórico* em que vivemos. Daí primeiro uma tese ou afirmação:

NESTE MOMENTO HISTÓRICO NÃO SERVEM NEM SÓ DOCTRINAS E TEORIAS NEM SÓ ESFORÇOS INDIVIDUAIS

É interessante nesta altura lançar um olhar na obra de Karl Marx, como protótipo da busca de um futuro melhor da humanidade, de um mundo de pessoas livres, realizadas plenamente, vivendo em sociedade, comunidade, solidariedade. Ele, enfadado de uma filosofia entendida como puro pensar, quis transformá-la em luz operativa (para transformar), motivação para um agir histórico. Dizem que nesta visão transparece nele a sua herança judaica: O materialismo dialético, pregando a revolução do proletariado, seria como uma versão secularizada do messianismo das suas origens, o proletariado como "messias" de uma humanidade socializada, justa, fraterna, onde todos tivessem tudo em comum - "comunismo". Até aqui, ótimo. Mas a tentativa de realizar isto na história fracassou redondamente. Frisaram, nos países comunistas, tanto a igualdade que acabaram matando a liberdade. (E a igualdade de um jeito que em várias nações, talvez em todas que tentaram o caminho socialista-comunista-marxista, uns eram "mais iguais" do que os outros....) E sacrificaram muitos outros aspectos fundamentais.

O trágico é que, no momento atual, o mundo está dominado pelo extremo oposto, aquele que Marx queria combater: de ricos e pobres, uns com possibilidades mil e outros com chances quase zero. Um mundo aparentemente livre, mas que tanto exagera a liberdade, que acaba com a igualdade, prevalecendo a lei do mais forte, matan-

do a solidariedade. O resultado é violência, insegurança geral, terrorismo, repressão, situação natural que se perde também a liberdade, por exemplo de sair de noite em paz, por medo de assaltos e talvez morte.

- Disse uma voz lúcida no cenário cristão (Chiara Lubich), que só podia ser assim, dado que os dois sistemas se esqueceram do terceiro dos ideais da revolução francesa, da fraternidade. Da “irmandade”. Nos países do “socialismo real” se falava dela, mas só como bela palavra, enfeite em discursos políticos, nas festas públicas ou encontros dos representantes de um “povo irmão” com outro “povo irmão” (socialista-comunista). No mundo capitalista nem se fala desta palavra, pois nunca foi seu ideal e a realidade - que um é irmão do outro, *antes* de ser freguês, fornecedor, concorrente e tal - esta realidade na prática evaporou ou ainda de fato não entrou. E nem poderia ser diferente, pois fraterno é o comportamento do “frater”, do irmão. Irmão só se pode ser tendo um Pai comum. Matando, nas suas teorias, o Pai, o sistema comunista materialista se condenou por si mesmo ao fracasso. O mesmo acontece no mundo neo-liberal, quando nele, num materialismo prático, se vive como se este Pai não existisse ou, ao menos não tivesse que mandar em nada. O resultado é o crescimento contínuo das desigualdades e da violência. Daí a nossa busca de solidariedade e paz.
- Mas como chegar lá se a clara alternativa, tão pensada, propagada e com tanta força numa grande parte do mundo instalada, não funcionou?
- Precisamos de uma “TERCEIRA VIA”, como se diz. Qual será? Quero tocar só dois pontos, um teórico e um prático, sobretudo este.

- O teórico: Precisa, antes de mais nada, levar a sério que todos os que querem ver um mundo de solidariedade e paz, têm que ter, levar em conta e respeitar o Pai comum e isso não só teoricamente, mas na prática, fazendo o que Ele diz e manda dizer. Neste ponto estava, num certo sentido, a falha principal do Karl Marx. Talvez pelo tipo de religião da sua família (bastante fria e teórica) tinha uma idéia de Deus bem diferente, talvez uma caricatura da paternidade amorosa do Deus "Pai", revelada na nossa fé. Chegou a negá-Lo. Provavelmente quis, com seu ateísmo, negar algo negativo, a *sua* idéia de Deus. [Eu gostaria de saber de quem estudou melhor a vida de Marx, até que ponto se "*encarnavam*" na vida dele as noções do "ter tudo em comum" (comunismo) e do social (socialismo). Sei que ele sofreu muito da parte de governos autoritários, especialmente na Prússia e que lutou com uma energia admirável pelas suas idéias. Mas achou a religião inútil para realizá-las, uma filosofia só teórica também. Sobrou-lhe a revolta e luta armada da parte dos oprimidos para tomarem o que lhes deveria ser de direito...] Mas deu em que deu.

A Alemanha oriental, por ex., antes da queda do muro, era um país falido e sucateado. Todo mundo esperava que o Estado todo-poderoso cuidasse das necessidades do povo com emprego, salários justos, preços moderados aos menos dos bens de primeira necessidade, escolas, creches, hospitais etc., mas muitas vezes faltava o esforço pessoal, a responsabilidade para contribuir com o bem comum. Soube de um caso que me parece fabulosamente emblemático, o de uma vaca que sofreu horríveis dores de barriga e morreu. Causa mortis: Barriga cheia de fitas plásticas. A história foi assim: Na cooperativa estatal (não havia mais agricultores independentes, todos eram forçados a serem trabalhadores das cooperativas) se criava vacas leiteiras. Mas muitas vezes, por um desleixo ou uma falha qualquer,

faltava a ração chegar no momento certo – nesta economia toda planejada de cima para baixo. Aí era mais barato comprar na padaria o pão com os preços subvencionados deste bem de primeira necessidade. Mas o operário que deveria alimentar as vacas era preguiçoso demais, com o seu salário garantido, para tirar o pão das embalagens plásticas, jogando os pães com tudo na moageira ou moíno. Até que o aparelho digestivo da vaca pifou....

Mas nós queremos avançar. O primeiro ponto, o teórico, portanto, é: Contamos com o Deus vivo e verdadeiro da revelação cristã que nos ama e por isso nos dá o Decálogo para a convivência humana funcionar e ser feliz. Pois sem responsabilidade diante de um amoroso, sim, mas também justo juiz no “alto” é difícil agir corretamente neste mundo.

- Mas não basta ficar nesta bela doutrina. Daí a necessidade do ponto segundo: Temos que experimentar o jeito de Deus na prática das nossas vidas e agir de acordo. Se não, nunca poderemos promover solidariedade e paz eficazmente, nem ser felizes. No entanto, isto não é possível para indivíduos solitários, cada um sozinho na paz do seu coração. Para transformar sociedades violentas e egoístas em pacíficas e solidárias, precisa, para assim dizer, de “laboratórios de experimentação” e “campos de treinamento” comunitário, onde se aplicam as teorias e se experimentam a validade do que nos disse Ele, “a Verdade, o Caminho e a Vida”. E daí irradiar para penetrar, sobretudo pelo exemplo do próprio modo de viver e agir, mas não sem a bagagem teórica correspondente e aos poucos também com um agir realmente político, a sociedade. Com outras palavras, tem que haver, no meio da sociedade, “ilhas”, mas não “isoladas”, nas quais se vive (e também se pensa) a cultura da paz e da solidariedade e onde se é mais feliz, e, a partir destas “manchas no mapa”, colaborar para colorir, aos poucos, o mapa

todo com as cores dessa cultura evangélica. Estas “ilhas” e estas “manchas” são as comunidades cristãs realmente vivas e concretas.

Por isso ele, nosso Mestre, não começou elaborando teorias e escrevendo livros. Jesus só escreveu uma vez ... e foi na areia, quando chegou a libertar a mulher pega em flagrante adultério (Jo. 8, 6) ... O que Ele fez na sua vida pública de “mestre”, foi sobretudo caminhar, fazer, mostrar, testemunhar. Deste caminhar, vivenciar e testemunhar nasceu o grupo dos doze e depois, a primeira comunidade cristã em Jerusalém. Eis o “laboratório de experimentação” e o “campo de treinamento” para apreender a promover solidariedade e paz, nos primórdios do movimento cristão. E hoje não pode ser diferente. Daí a importância indispensável e irrenunciável dos cristãos viverem em comunidade; e de formar padres ou outros agentes pastorais para isso num estabelecimento de ensino teológico, como é o IESMA e mais ainda nos nossos seminários diocesanos.

QUALIDADES PARA UMA COMUNIDADE CRESCER:

Neste ponto queria mudar o meu plano anterior, de ligar o tema desta CF no IESMA com o Ano da Eucaristia a partir da belíssima carta encíclica do Papa “Ecclésia de Eucharistia”. Seria bonito e gostoso, e procuraria ser bastante concreto também. Mas cruzou o meu caminho uma outra coisa, muito menos sublime, mas na prática talvez mais capaz ainda de nos ajudar nesta CF e, inclusive, a valorizar mais também o mistério da Eucaristia. Queria apresentar-lhes o fruto de uma pesquisa mundial que procurou, com os métodos da sociologia, estudar os tipos de comunidades cristãs que existem por aí e ver quais delas têm a tendência de atrair novos membros e assim crescer. (2) Os autores queriam descobrir as qualidades que distinguem comunidades que estão crescendo e dali de-

duzir e apresentar, com exatidão científica, princípios comprovadamente válidos para esse crescimento. Como vivem e se organizam tais comunidades, como se comportam seus líderes e demais membros, como se relacionam entre si, quais são suas prioridades etc.?

A pesquisa foi realizada por um Instituto de Pastoral na Alemanha, não católico, se entendi bem, ao menos sem fazer referências confessionais; pesquisa esta feita com 1000 (hum mil) comunidades cristãs de qualquer denominação, comunidades pequenas e grandes, crescentes e que estejam diminuindo, subvencionadas pelo Estado ou perseguidas, famosas ou totalmente desconhecidas, de 32 países. Com questionários a serem preenchidos por 30 membros por comunidade, traduzidos em 18 línguas, em todos os cinco continentes. Coletaram 4 200 000 (quatro milhões e duzentos mil) respostas a serem avaliadas. Recortando e colando todas as respostas uma na outra resultariam numa fita de uns mil km.

Trata-se de uma pesquisa de sociologia religiosa que não parte de sublimes princípios teológicos, mas do chão dos fatos. Claro que temos que ter cuidado para não cair na superficialidade simplista e ingênua de considerar simplesmente o sucesso exterior como medida de realidades sobrenaturais. Só Deus pode julgar em profundidade. Os sinais exteriores são apenas indicadores, não unidades métricas como nos cálculos humanos. Do outro lado, o próprio Jesus fala dos “frutos” dos quais se reconhecem os profetas, ou como falsos ou como autênticos (cf. Mt. 7,16). Então, embora a graça divina não possa ser medida sociologicamente, indicadores poderão ajudar, alertar e despertar para aspectos pastorais de uma Igreja acolhedora e missionária que queremos ser fermento, sal e luz, que irradie e faça “crescer” a Palavra, como aconteceu no começo da Igreja, como narram os Atos dos Apóstolos (cf. 12,24 e 19,20).

Neste sentido ouso apresentar as qualidades de comunidades que “crescem” como qualidades que provavel-

mente devemos privilegiar e cultivar para promover a paz verdadeira. Comunidades cuja vida é tão autêntica que atrai, toca em pessoas que estavam fora e passam a participar, tornando-se, por elas mesmas, parte dessas comunidades, mudando de vida, e a partir desta base, tornando-se elementos e sementes de paz nos seus ambientes humanos, sociais e profissionais onde vivem e atuam, provocando também lá conversões, mudança de situações para melhor, levando a transformação de estruturas de pecado em estruturas de justiça e solidariedade. Daí o estímulo para pesquisar: como vivem estas comunidades? O que as distingue de comunidades cansadas, fracas, minguantes, que não cumprem mais sua missão? O que dá a aquelas a energia humana e cristã para essa irradiação que as faz crescer?

Conseguiram “destilar” e apurar **oito** qualidades presentes em **todas** essas comunidades vitais e crescentes. A minha esperança é que possamos com elas indicar como se deve também ensinar, estudar e viver no IESMA e nos nossos Seminários para formar promotores da “paz”, da “eirene”, do “shalom” no sentido bíblico, e da solidariedade que ela comporta e que dela brota, neste mundo em que vivemos. E que nisso são “felizes”. Vamos agora ver quais foram ou são essas qualidades.

- Liderança (o autor cunha uma palavra nova:) “autorizadora”, quer dizer estimuladora, dinamizadora (já vou explicar o que quer dizer) ou “libertadora” (com uma matiz específica, talvez um pouco diferenciada deste conceito):

Escutemos bem: não é uma liderança potente ou só profundamente autorizada de um líder super-qualificado em todos os sentidos, com grande idealismo e visão, capaz de motivar um monte de colaboradores prontos a por em prática essa visão. Um “guru” carismático e profético com muitos discípulos, cujo poder aos poucos o transformaria

num líder todo-poderoso. Mas quase exatamente o contrário. Uma pessoa que considera sua mais importante tarefa ajudar os outros cristãos a desenvolverem a sua própria “autoridade”, conforme lhes cabe segundo o plano de Deus. Capacitar, apoiar, motivar e acompanhar cada um (a) dos demais membros da comunidade a se tornar, afinal aquele ou aquela que (e como) Deus o (a) quer desde a eternidade. O líder “potenciador” é “libertador” no sentido de considerar sua missão ajudar a “libertar” os membros de sua comunidade a descobrirem e “soltarem” seus dons e pô-los, com coragem, a serviço dos outros. Pode ser que alguns desses cristãos no final dessa caminhada sintam, diante de Deus, dever ir por outros caminhos do que o líder. Nem por isso ele chorará, nem os acusará de infidelidade ao contrário, se alegrará de coração, sabendo que Deus tem uma vocação pessoal para cada um (a) dos seus filhos (as).

O interessante nessa pesquisa foi que a maior parte dos líderes (padres ou pastores) que alcançaram o número mais alto de pontos positivos, nem eram conhecidos de um público mais vasto. Deles se podem apreender melhor os princípios fundamentais para uma liderança sadia do que de qualquer “super-star” espiritual. Deus (como diz o autor da pesquisa) não criou ninguém como “um tipo de suíno leiteiro e, ao mesmo tempo, lanífero e produtor de ovos”. Se um dirigente de comunidade desempenhar um papel desses (ou se a comunidade desejar, esperar ou exigir que ele seja assim), é um sinal claro que alguma coisa está errada.

COLABORAÇÃO SEGUNDO OS CARISMAS PRESENTES NA COMUNIDADE

A segunda qualidade se baseia na fé que Deus mesmo determina quais cristãos devem, segundo o Seu plano, assumir quais funções. Cabe ao dirigente ajudar os outros a descobrirem o dom que Deus lhes deu e achar o serviço

correspondente. O autor da pesquisa usa neste ponto a imagem de um carro empurrado e puxado a duras penas por dois indivíduos sobrecarregados que pingam de suor - e o carro está carregado de maravilhosas rodas e pneus redondos, mas as rodas com as quais anda o carro mesmo, são quadradas para fazer sentir o absurdo de planos pastorais e lideranças eclesiais que projetam toda a vida da comunidade de cima para baixo e se queixam que as coisas não vão para frente em vez de se abrir, numa escuta profunda dos sinais de Deus na comunidade, na realidade e na Igreja em geral, para ver o que o Senhor mesmo quer, porque a Ele pertence a história, a Igreja e nossa vida.

Esta qualidade de liderança terá uma vantagem psicológica muito grande: a pessoa que descobre o dom que Deus lhe deu e, com o apoio dos demais, procura pô-lo a serviço dos outros, terá muito mais alegria, sentirá o seu papel na comunidade quase como uma auto-realização. É claro que será capaz de contagiar outros com seu modo de ser e agir... em vez de assumir uma função que não sente sua, só porque o padre ou dirigente suplica e empurra porque não encontrou um outro que faça.

ESPIRITUALIDADE APAIXONADA

A pesquisa mostrou que podem crescer comunidades de praticamente todas as linhas pastorais ou espiritualidades. O tipo de prática cristã importa menos (contanto que seja prática cristã autêntica) do que o fato que a fé nessa comunidade seja vivida com empenho e dedicação, numa vida de oração sincera e profunda, com ardor e entusiasmo. A pesquisa documenta inequivocavelmente que o grau dessa paixão espiritual distingue comunidades que crescem das outras que não crescem.

Ela demonstra, outrossim, que os métodos com os quais se trabalha numa comunidade são secundários em comparação a “paixão” de fé viva na mesma. Se nela arde esta espiritualidade, funciona quase qualquer mé-

todo. Onde esta falta, fracassa o melhor método do mundo. A que serve o motor mais moderno se o tanque está seco?

Neste ponto o autor da pesquisa faz uma observação que pode questionar também a nós, dizendo os cristãos se tornam campeões em inventar estratégias capazes de apagar essa paixão espiritual. Conta que no seu arquivo abriu, para esta qualidade da “Espiritualidade apaixonada”, como para cada uma das outras qualidades duas pastas: uma para arquivar todos os meios que servem para os cristãos vivenciarem cada vez mais coerentemente essa qualidade, no caso a sua paixão espiritual, uma outra para recolher maneiras aptas a esmorecer essa paixão desde o germe. Resultado frustrante: a primeira pasta tem uma espessura de pouco mais de dois centímetros, a outra engorrou tanto que quase não deu mais para fechar a gaveta onde a guardava... Daí a pergunta para o exame de consciência e nossa avaliação pastoral: Como tratamos e lidamos com essa “paixão de fé”? Será que a cultivamos – em nós e nos outros? Ou a achamos meio ridícula em certas pessoas, em vez de acolhê-la e, quem sabe, orientá-las para completarem sua visão cristã e sua espiritualidade? Nada de grande foi feito sem paixão, disse um dos grandes filósofos...

ESTRUTURAS ADEQUADAS

Estruturas eclesiais e pastorais não são fins em si, mas meios. Estão a serviço ou existem para servir ao crescimento do Reino de Deus e, quando não são de “direito divino”, podem, e as vezes devem ser mudadas, como mostrou a nossa Igreja pelo Concílio Vaticano II, por exemplo, passando do latim como única língua litúrgica para as línguas do povo; renovando a Liturgia, institucionalizando as Conferências Episcopais, instituindo os Conselhos Pastorais e tantas outras coisas. Nas paróquias podemos pensar em formas autoritárias de li-

derança que infantilizam os paroquianos, horários inadequados, formas ou atividades antiquadas etc.

De onde vem a resistência contra esse princípio? Do comodismo que quer ficar sempre com as formas acostumeis. Daí o tradicionalismo como um dos fatores que, secundo a pesquisa, mais impede o crescimento de comunidades, pois aos poucos permanecem fiéis à comunidade só os velhos que não conseguem mais se renovar em favor de mais jovens que talvez precisem de outras formas ou estruturas.

CULTO INSPIRADOR

A pesquisa mostrou que os membros das comunidades que crescem, gostam das celebrações, saem das mesmas animados, encorajados, sentindo-se mais fortes na fé, na esperança e na caridade. Pode, o padre ou o pastor ou a equipe de Liturgia, ser mais moderno ou mais tradicional, mais social ou mais piedoso, isto não é o fator decisivo. O importante é que seja uma experiência "inspiradora" no sentido indicado.

Os que mais resistem a esta qualidade de uma comunidade são aqueles, constata o autor, que entendem a freqüência do culto sobretudo como cumprimento de um dever sagrado para agradar a Deus ou ao pastor ou seja a quem for. Este tipo de cristãos talvez seja meio raro entre nós. Mas fica em pé a importância de primar por uma maneira de celebrar que não despreza o fato que Deus fez as criaturas humanas não para lhes impor jugos e cangalhas difíceis de suportar, mas para a felicidade. Por isso também os responsáveis da liturgia e o presidente da celebração tem que ser "colaboradores" em prol da "alegria" dos fiéis (cf. 2 Cor. 1,24)...

De fato, quantas vezes o salmista exprime a sua alegria por estar perto de Deus e por ter recebido tantas graças, ou pessoalmente ou com todo o seu povo. E não por acaso, Jesus fala do caminho para a felicidade verdadeira

não só nas bem-aventuranças, mas em várias outras ocasiões. Também Paulo escreve aos Filipenses (3,1): “Alegrai-vos...” Seria um tema bastante interessante para uma monografia em teologia: “A vida cristã como caminho para alcançar a verdadeira alegria, para ser feliz”...

GRUPOS PEQUENOS DE VIVÊNCIA

Todas as comunidades ou paróquias que crescem ou atraem, desenvolveram um sistema de grupos pequenos nos quais os membros encontram proximidade humana, ajuda concreta e intensa partilha de sua vida e caminhada de fé. Nesses grupos não só se conversa *sobre* textos bíblicos ou se escuta explicações de especialistas, mas aqui se “mistura” impulsos bíblicos com os problemas do dia-a-dia dos participantes, na confiança e abertura mútua, na qual um irmão ou irmã ajuda o outro ou a outra com sua experiência de fé, seu conselho etc.

Conta o autor da pesquisa que nos seus contatos com comunidades do mundo inteiro soube da maior paróquia do mundo, em Seoul na Coreia, com um meio milhão de paroquianos. Num seminário sobre esses assuntos uma senhora confessou que com a melhor das boas vontades ela não conseguiria se imaginar conseguir jamais ser membro de uma paróquia desse tamanho. Tanto “anonimato” ela não agüentaria nunca. Pouco tempo depois ele teve oportunidade de encontrar um dos responsáveis desta comunidade e perguntou, como lidam com esse “anonimato”. A resposta foi clara: A paróquia, desde que foi criada, desenvolveu um sistema de “células vivas”, grupos de ao máximo 12 membros, cada um com seu animador ou animadora. Neste sistema está integrada a grande maioria dos paroquianos. Nunca tiveram problemas com um tal de “anonimato”.

Seja como for, a pesquisa confirma que sem “CEBs” (ou “círculos bíblicos” ou “grupos de rua”, como dizem numa paróquia muito viva da diocese de Coroadá, ou chamem de

outra maneira - o nome não importa -), a pesquisa confirma que a Igreja não pode viver, crescer e cumprir sua função de promover o Reino de Deus (inclusive paz e solidariedade) sem se concretizar e se “encarnar” em parcelas vivas, segundo o modelo dos primeiros cristãos. Estes grupos não são um “hobby” do qual se pode dispensar, mas algo que realiza características essenciais da Igreja de Jesus Cristo.

EVANGELIZAÇÃO DE ACORDO COM A REALIDADE (E AS “DEMANDAS”) DOS SEUS DESTINATÁRIOS

É lógico que não pode haver crescimento de comunidade nenhuma sem evangelização. Sem comunicar a Boa Nova, ninguém pode saber de Jesus Cristo nem da comunidade dos seus seguidores. Agora o interessante na pesquisa foi saber como pode ou deve ser a prática evangelizadora que objetivamente contribui ao crescimento da comunidade.

Existem pregadores, diz o autor, provavelmente referindo-se a certos pregadores de comunidades eclesiais neo-protestantes, que usam métodos bastante manipuladores para forçar as pessoas a se entregarem a Jesus Cristo e entrarem na Igreja ou dela participarem mais ativamente.

A pesquisa mostrou que não são métodos chocantes e desafiadores que fazem as comunidades crescerem. Ao contrário, um crescimento sadio não é fruto de nada disso. O segredo da evangelização das comunidades que crescem é transmitir a Boa Nova de uma maneira que toca os questionamentos, as “demandas” e as necessidades concretas de pessoas afastadas da fé cristã. Gostei de encontrar esta qualidade na lista da pesquisa, pois ela corresponde exatamente ao que nós aqui no Brasil chamamos de evangelização “inculturada” e do método tão usado entre nós do “ver, julgar, agir”. Mas talvez precisamos “re-ver” o nosso “ver” ou o nosso “julgar”. Pois, por este método fizemos, por ex., “a evangélica opção prefe-

rencial pelos pobres”, mas estes, como disse uma vez um bispo muito engajado no social: estes, apesar disso, fazem tantas vezes mais a opção pelas seitas... Será, então, que olhamos ou julgamos ou agimos corretamente?

RELACIONAMENTOS PESSOAIS E FRATERNOS

A pesquisa mostra e prova nitidamente que comunidades em crescimento se distinguem por um “quociente” de relacionamentos autênticos, pessoais e cordiais entre os membros significativamente maior que das comunidades estagnadas ou decrescentes.

Como se conseguiu, na pesquisa, apurar esse “quociente”? O questionário contém uma série de quesitos, dos quais se pode concluir o grau dos relacionamentos entre os paroquianos. Por exemplo pergunta quanto tempo os mesmos passam com outros cristãos, além dos eventos e das atividades da comunidade; quantas vezes se convidam uns aos outros para uma refeição ou outro acontecimento familiar; se na comunidade se é parco ou generoso em elogiar os membros; até que ponto o pároco ou o pastor conhece os problemas pessoais dos seus colaboradores; quanto se brinca e ri na comunidade.

E o resultado? Todos estes pontos e outros mais estão ligados fortemente com o crescimento da comunidade. Em todo caso, muito mais do que inúmeros métodos que enchem a maior parte dos manuais de pastoral, dos quais muitos cristãos estão convencidos que constituam o verdadeiro e próprio segredo de comunidades florescentes!

E será que isto deve nos maravilhar, pergunta o autor? E podemos nós perguntar? Afinal o mandamento que Jesus chama de “novo” (cf. Jo. 13,34) e especialmente “seu” (cf. Jo. 15,9) não é o de os seus discípulos se amarem uns aos outros, como Ele nos amou (v.12)? Só achei interessante e encorajador constatar que a vivência dele dá esses resultados comprovados sociologicamente... Amor fraterno, sincero e concreto entre os membros, continua o

autor, faz uma comunidade muito mais irradiar e atrair do que todas as artes de marketing do mundo. Marketing e relacionamentos vivos deste tipo se distinguem como uma flor artificial da natural. A primeira pode parecer incrivelmente bem feita, tanto que, à primeira vista, pode deixar dúvidas, se não é realmente natural. Mas não tem o perfume da flor natural. Relacionamentos autênticos entre os membros da comunidade, ao contrário, exalam aquele perfume misterioso que atrai, do qual dificilmente se pode fugir. E aqui somos muitíssimo próximos do mistério da Eucaristia, como também nos pontos que falam da espiritualidade e do culto.

CONCLUSÃO

Fiz ainda uma pesquisa para ver se nestas oito qualidades se exprimem as verdades fundamentais da nossa fé e as exigências principais do seguimento de Jesus. Cheguei à clara conclusão de sim. Mas agora não vou apresentar estas coisas para não me alongar demais. Só o seguinte: A opção pela fé cristã, ao meu ver, começa pela descoberta do imenso amor de Deus pela gente: Quem nele crê e procura corresponder a ele numa autêntica “imitação de Cristo” vai ser líder não centralizador, mas “autorizador” e “libertador”, pois amará e respeitará as pessoas com humildade; valorizará, sem medo de concorrência, os carismas presentes na comunidade e terá a alegria de uma colaboração segundo os mesmos. Numa comunidade onde todos se esforçam para viver assim, pelo amor concreto no seu meio existirá uma “espiritualidade apaixonada”, onde, entre outras coisas, será fácil adequar estruturas superadas a novas situações ou substituí-las de acordo com as necessidades concretas. O culto será cheio de vida e “inspirador”. E evidentemente numa comunidade deste tipo se sentirá a necessidade da partilha da vida na ajuda mútua no caminho cristão, o que exige grupos pequenos de vivência. A Evangelização se dará de

acordo com a realidade (e as “demandas”) dos seus destinatários e é claro que todos viverão em relacionamentos pessoais e fraternos.

Portanto, tenho a impressão que aqui estamos diante de indicações valiosas para realizarmos a **paz** e vivermos o “shalom” bíblico. Assim treinaremos **solidariedade**, primeiramente nas estruturas e comunidades em que vivemos: aqui e agora no IESMA e nos nossos seminários diocesanos, e futuramente nos presbitérios, nos conselhos diocesanos e paroquiais, nas paróquias e nas suas numerosas comunidades de base e demais grupos, equipes e movimentos. Vivendo assim, constataremos realmente que é **feliz** quem descobre esse caminho e nele anda .

Mas tudo funciona só sob uma condição: levar a sério o nosso Batismo. Este significa morrer com Cristo (cf. 2 Tim. 2,11), pois fomos batizados “na morte” de Jesus (cf. Rom. 6,3). Portanto não podemos formar comunidades com as qualidades descritas, sem “morrer” ao jeito do “homem velho” (cf. Rom. 6,6) individualista, exigente e cheio de direitos em relação aos outros, interessado só em si mesmo e incapaz de dar o primeiro passo na construção de bons relacionamentos, em uma palavra o homem não redimido. Sem “crucificar” (cf. Rom. 6,6) esse homem velho em nós, não podemos ser cristãos, nem promover paz e solidariedade, nem ser felizes. Ele deve morrer para “ressuscitarmos” (cf. 2,12) na vida do Evangelho, cada dia e após cada falha. Ninguém pode ser discípulo de Jesus sem renunciar a si mesmo e carregar cada dia a sua cruz (cf. Lc. 9,23), especialmente também a cruz das nossas próprias fraquezas, sensibilidades, “traumazinhos”, esses calos que doem quando um outro pisa, talvez sem saber e querer, num ponto fraco da gente, por ex. com uma brincadeira que fere ... Ou a timidez ou a pequena preguiça ou a vontade de se fechar e acomodar, em vez de sair de mim, desapegando-me, acolhendo, abrindo-me, comunicando, partilhando, dando uma mão ao outro, perdendo tempo, se ele precisar etc. nas mil oportunidades que a convivência

apresenta. A beleza é que assim a gente adquire liberdade de si mesmo, alegria e bons relacionamentos com os demais - vida nova, "ressurreição".

Por isso acho que vale a pena dar uma atenção especial aos dados sociológicos levantados. Sem essa vivência concreta nas nossas comunidades paroquiais e na formação para as mesmas aqui e agora, corremos o risco de pensar belas teorias e fracassar na prática. Oxalá então possa com esta aula inaugural encorajar a todos aqui presentes, em nos esforçarmos ainda mais a fazer da Igreja "casa e escola de comunhão", como o Papa nos indicou na NMI (n. 42). Assim poderemos treinar a vivência da paz e da solidariedade antes de tudo começando na nossa Igreja, nesta base praticá-la também o mais possível nos relacionamentos ecumênicos e assim irradiá-la na sociedade em geral.

Neste sentido poderia ser interessante, já aqui a partir do IESMA, participar de iniciativas de "fome zero" ou outras parecidas, em bairros onde fazem Pastoral ou nas férias; participar na Pastoral Carcerária, com especial atenção às famílias dos presos (!), em iniciativas ecológicas, quem sabe, junto com alunos das outras instituições de ensino superior de São Luís ou outras problemáticas, segundo as sugestões do manual da CF, debatendo-as em grupos de trabalho a serem formados com esse fim. Mas realmente só a partir da vivência das qualidades expostas acima, pois temos que "começar em casa" o que queremos espalhar lá fora. Garanto que a formação será mais viva, fecunda e gostosa, embora sem dúvida, não sem cruzes e dificuldades, mas também sem frustração e fracasso total, como uma verdadeira escola de vida "teológica".

É por este caminho que, a meu ver, anda a TERCEIRA VIA da qual se fala... O caminho entre a doença do neoliberalismo e o remédio falho do viver "social" ("socialismo") e "comunitário" ("comunismo") imposto a força. Chama-se Jesus Cristo, mas um JC real. É o único caminho realista e concreto, porque parte da encarnação e funcio-

na na vida de todos os que deixam a Palavra de Deus se tornar “carne” no seu dia-a-dia, especialmente nos relacionamentos – com o Pai de Jesus e os irmãos. As outras duas vias significam negação (capitalismo > violência etc.) ou ilusão... “Boa viagem!” nesta “VIA”.

NOTAS:

(1) Cf. Dicionário Enciclopédico da Bíblia. Vozes, 1985.

(2) Christian Schwarz, “Das 1 x 1 der Gemeinde-entwicklung”, 5.ed. 2003.